

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Desembarque da Normandia

Os ministros anunciados esta semana por Lula são vistos dentro do próprio PT como aqueles primeiros soldados que desembarcam numa guerra e correm o risco de serem atingidos. É o time de largada e não o que deve seguir no governo até o final.

A prova

Os primeiros testes da composição do governo serão as votações de março e abril, quando começam a vencer as medidas provisórias a serem editadas em janeiro. O painel de votos favoráveis terá que ser proporcional ao espaço na Esplanada.

Linha direta

Na entrevista em que o grupo de transição da Saúde entregou o diagnóstico da pasta à futura ministra, Nísia Trindade, ela aproveitou para anunciar o secretário-executivo da pasta, Swedenberger Barbosa. Berger, como é conhecido, foi um dos responsáveis pela montagem do gabinete presidencial e trabalhou diretamente com Lula nos dois primeiros governos. Tem intimidade a ponto de ligar para o presidente, sem precisar passar pelo batalhão de assessores.

O pior cenário

Berger não foi para a Saúde por acaso. A avaliação da equipe de transição é de que a gestão das políticas públicas do setor foi a pior de todos os governos dos últimos 30 anos.

O que Lula quer de seus ministros

Escolhidos os ministros, a equipe do futuro presidente Lula entra na montagem do segundo escalão para consolidar maioria no Parlamento e tocar a vida. A ideia é acolher representantes de estados que terminaram fora do primeiro escalão. O futuro ministro de Cidades, Jader Filho, por exemplo, levará o deputado Hildo Rocha, do Maranhão, que deverá ficar com a área de habitação ou mobilidade urbana. A indicação dele

é um agrado à bancada do MDB de José Sarney.

Nos Transportes de Renan Filho, a ideia é garantir votos que extrapolem a bancada do MDB — compromisso, aliás, assumido pelo futuro ministro e pelo líder na Câmara, Isinaldo Bulhões (AL). Para isso, o governo terá cargos do Departamento Nacional de Infraestrutura em Transporte (Dnit). Daqui para frente, quem quiser ser governo, terá que ser fiel.



CURTIDAS

No banco/ O primeiro deputado a sair do auditório onde Lula fez o anúncio de seus ministros foi Odair Cunha (PT-MG), que não escondia a frustração de ver os petistas mineiros fora do primeiro escalão. “Não dava para atender a todos agora. Vejamos o que vem por aí”, afirmou à coluna. Na largada, o PT de Minas ficou na reserva.

Famoso quem?/ Escolhido de última hora para ministro de Comunicações, o deputado Juscelino Filho (União-MA) foi barrado na porta do auditório onde Lula faria o anúncio dos ministros. Só conseguiu entrar depois que telefonou e pediu socorro aos amigos que já estavam lá dentro.

Denise Rothenburg/CB/D.A Press



“Não subestimem o gordinho”/ Senador reeleito, Davi Alcolumbre (AP) abriu o governo de Jair Bolsonaro como candidato a presidente do Senado com a tarja do Palácio do Planalto. Agora, fez do governador Waldez Góes ministro de Lula e ainda ficou ao lado da presidente do PT, Gleisi Hoffmann, na hora do anúncio num lugar reservado a “ministros anunciados” (foto).

Pelé, rei e primeiro ministro/ Na posse de Fernando Henrique Cardoso, em janeiro de 1995, Pelé foi o ministro mais assediado pelos convidados, que chegaram a formar fila em volta do atleta do Século, no coquetel do Itamaraty, em busca de um autógrafo. Na próxima segunda-feira, ele será velado. Há 28 anos, também numa segunda-feira, 2 de janeiro, tinha seu primeiro dia de expediente como ministro Extraordinário do Esporte, cargo criado por FHC justamente para que o rei assumisse. Descanse em paz, Pelé.

NOVO GOVERNO

Ação contra a alta de preços

Futuro ministro das Minas e Energia priorizará tema para evitar que fim da desoneração nos combustíveis impacte inflação

» VINICIUS DORIA

O futuro ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira (PSD-MG), afirmou, ontem, que o aumento nos preços dos combustíveis — decorrentes do fim dos incentivos tributários concedidos pelo atual governo — será um dos temas mais urgentes para a equipe econômica que assume, no próximo domingo. Ele não antecipou medidas para amortecer o impacto da subida dos valores, estimado pelo atual ministro da pasta, Adolfo Sachsida, em R\$ 0,69 para a gasolina, R\$ 0,33 para o diesel e R\$ 0,24 para o etanol.

“O ministro Sachsida fala pelo governo atual até o dia 31”, disse Silveira, ao evitar comentar as estimativas do aumento. Mas criticou a política de desoneração dos combustíveis patrocinada pelo Ministério da Economia,

comandado por Paulo Guedes.

“Sabemos dos danos que a isenção de tributos causou nos últimos anos e isso tem que ser tratado com muito cuidado pelo Executivo e pelo Legislativo. Nada está descartado. A partir do dia 1º, vamos conversar sobre a política de curto, médio e longo prazos para os combustíveis”, disse Silveira, após ser anunciado para o comando do Ministério de Minas e Energia pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva.

O futuro ministro disse que, a partir de agora, passa a discutir a questão diretamente com o futuro ministro da Fazenda, Fernando Haddad. O foco será o reflexo dos aumentos na taxa de inflação. “Tenho visto um empenho muito grande do novo ministro da Fazenda nesse sentido, e passamos a participar dessa discussão com ele para que possamos evitar e minimizar qualquer impacto dos

preços dos combustíveis na inflação”, explicou.

Petrobras

Sobre o comando da Petrobras, Silveira comentou as especulações sobre a possível indicação do senador Jean Paul Prates (PT-RN) para assumir a presidência da empresa. Para ele, não há impedimentos legais para que o parlamentar assumira o posto.

“Caso seja oficializado pelo presidente, (Prates) não é abarcado pela atual legislação (Lei das Estatais). Ele não foi coordenador de campanha, não foi ordenador de despesa, não teria nenhum impedimento. Na interpretação de alguns juristas que ouvi, ele estaria apto, caso convidado pelo presidente, a assumir”, destacou o futuro ministro, com a ressalva de que essa indicação também deverá passar pelo crivo do Conselho de Administração da petrolífera.

Ed Alves/CB/D.A Press



Lula anuncia Silveira nas Minas e Energia, que assume obrigado a conter pesada alta nos combustíveis

Ed Alves/CB/D.A Press



Apesar da resistência a Lula, Fávaro promete reabrir diálogo com o agro

Reconstrução de parcerias comerciais

O futuro ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Carlos Fávaro (PSD-MT), anunciado ontem pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, disse que uma das prioridades de sua gestão será a retomada das negociações da agenda agrícola com União Europeia, China, Estados Unidos e países da América do Sul, incluindo a Venezuela.

“Vamos retomar as relações com a União Europeia, com certeza, retomar a boa relação com a China — não dá para ser diferente —, retomar a boa relação com os Estados Unidos e a América do Sul. Estamos virados de costas para Venezuela, há uma boa oportunidade, inclusive, de troca de produtos como fertilizantes

— eles são grandes produtores de fosfato. Nós vimos o risco que corremos neste ano por conta da guerra (na Ucrânia)”, salientou Fávaro, após o anúncio da equipe de governo, no CCBB.

Sobre a resistência de setores do agronegócio ao futuro governo Lula, o ministro indicado para Agricultura disse que será vencida com “trabalho sério”. “O presidente Lula foi o melhor presidente para o agronegócio. Não é reconhecido por alguns, mas é reconhecido por aqueles que têm consciência”, observou.

Fávaro também garantiu que haverá crédito seguro rural para a próxima safra, assim como o fortalecimento de estatais como a Empresa Brasileira de Pesquisa

Agropecuária (Embrapa, voltada para a pesquisa) e Companhia Nacional de Abastecimento (Conab, que atua no abastecimento).

“A aprovação da PEC da Transição vai permitir reestruturar a Embrapa, que estava abandonada. A Conab será reestruturada. A garantia de seguro é fundamental e o Plano Safra será fortalecido”, garantiu o futuro ministro.

Ele também anunciou, como prioridade, a formação “de um grande programa de transformação de pastagens degradadas em áreas produtivas, com investimentos, com o BNDES participando, para que os produtores possam, em vez de desmatar, converter pastagens degradadas em áreas produtivas”. (VD)



Vamos retomar as relações com a União Europeia, com a China; retomar a boa relação com os Estados Unidos e a América do Sul. Estamos virados de costas para Venezuela”

Carlos Fávaro, futuro ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento